

Perspectivas da agropecuária no Brasil e no Mato Grosso

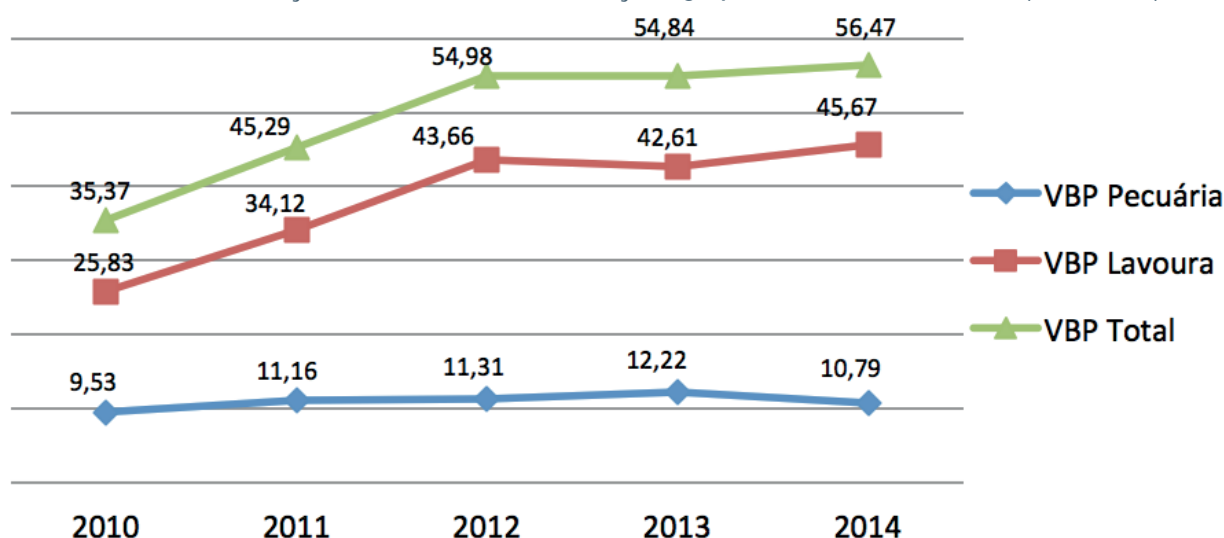
Por Andrea Elena Pizarro Muñoz, Ana Paula Oeda Rodrigues, Manoel Xavier Pedroza Filho

O ano de 2014 se encerrou com valor recorde no faturamento da agropecuária e também com a maior safra de grãos obtida no país. O Valor Bruto da Produção (VBP) Agropecuária nacional para o ano atingiu R\$ 463,9 bilhões, o que representa um incremento de 2,6%

frente aos R\$ 452 bilhões registrados em 2013. O Mato Grosso, estado fortemente agrícola, respondeu por mais de 10% desse total, alcançando R\$ 56,47 bilhões em 2014, 3% maior que o valor mostrado em 2013, segundo o IMEA. A maior parte desse montante

corresponde à renda da soja, R\$ 21,65 bilhões, cultura na qual o estado ocupa o primeiro lugar na produção nacional. O gráfico a seguir ilustra a evolução do VBP da pecuária, agricultura (lavoura) e agropecuária (total) para o estado de Mato Grosso no período de 2010 a 2014.

Gráfico da Evolução do Valor Bruto da Produção Agropecuária de Mato Grosso (R\$ bilhões)



Fonte: Imea/CNA

Para o Mato Grosso espera-se bom desempenho da produção agropecuária, com previsão de safra recorde de soja para 2014/15, neste momento estimada em 27,89 milhões de toneladas, o que representaria um aumento de quase 1,6 milhão de toneladas em relação à safra 2013/14. O estado deve seguir na liderança da produção de grãos no país, com participação de 24% do total nacional. Há indicativos de redução

da participação da pecuária, espaço que pode ser ocupado em parte pelo crescimento da piscicultura, atividade em franco crescimento no estado.

O cenário macroeconômico brasileiro para 2015 prevê ajustes, com corte de gastos e aumento de juros e impostos, além de estabilidade do PIB e aumento da inflação. Para a agropecuária são esperadas quedas de

preços em algumas commodities nos mercados internacionais, como reflexo de boas safras americanas, por exemplo. Porém, a alta do dólar deve contribuir para melhorar o desempenho das exportações.

Para a aquicultura, a escassez de água, recentes aumentos de combustíveis e energia, somados ao já citado aumento do dólar frente ao real já elevaram os custos de fretes, aerações e rações.

Produção de ração para a aquicultura

O volume produzido de ração para organismos aquáticos (peixes e camarões) em 2014 no Brasil aumentou 9% em relação a 2013, segundo o Sindirações, atingindo cerca de 800 mil toneladas nesse ano. Este índice mantém

a tendência de crescimento ano a ano apresentada desde 2003, conforme ilustrado no gráfico abaixo. Tal volume não foi maior em função de fatores que afetaram o desempenho da aquicultura doméstica, como desafios sanitários,

avanço da importação de pescados asiáticos e, sobretudo, fatores climáticos - escassez de chuvas nas regiões Nordeste e Sudeste, que impactaram a capacidade hídrica acumulada em reservatórios dessas regiões, bem como o excesso de

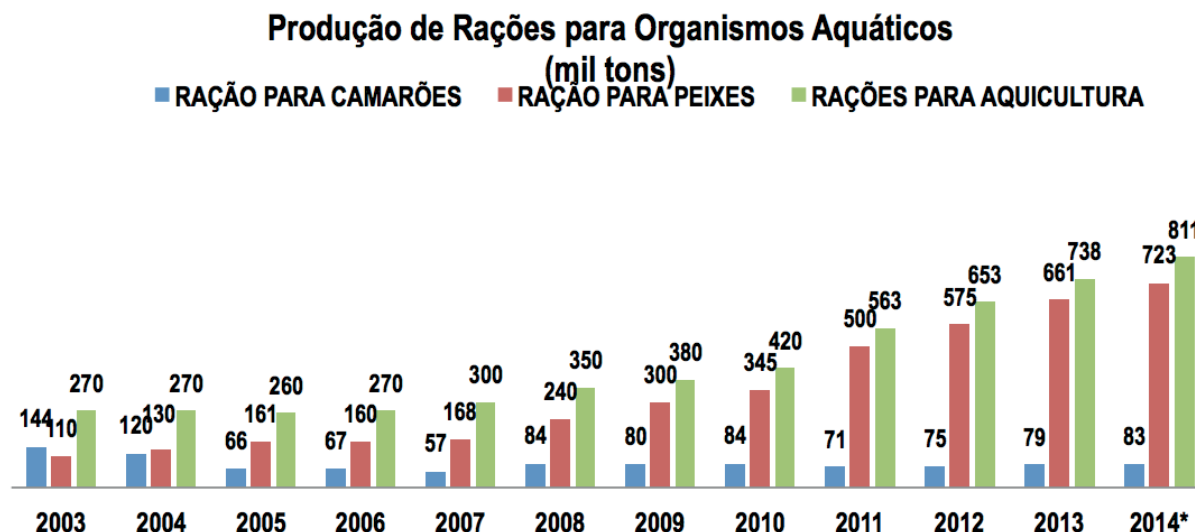
chuvas na região Norte.

Esse índice não pode ser automaticamente aplicado ao crescimento da produção aquícola devido, entre outras razões,

à não abrangência da totalidade das indústrias de alimentação animal no país pelo sindicato. Ainda assim, não deixa de constituir um indicativo do vigor do setor, sobretudo se comparado ao crescimento

dos volumes produzidos de ração para aves e suínos, os dois segmentos mais representativos no consumo de ração no país, que entre 2013 e 2014 aumentaram 3,6% e 3,4% respectivamente.

Gráfico da Evolução do Volume Produzido de Ração para Aquicultura - peixes e camarões – (mil tons)



* Estimativa

Fonte: Sincirações

Mato Grosso - maior produtor de peixe do país

De acordo com as últimas pesquisas divulgadas, como a Pesquisa Pecuária Municipal (PPM) do IBGE, que passou a incluir levantamento de volume e valor de produção da aquicultura em 2013, o estado despontou como o maior produtor nacional de peixes em cativeiro, com 75,6 mil toneladas, o que representou 19% da produção nacional, equivalente a R\$ 391 milhões (IBGE 2014). O maior município produtor do país também é de Mato Grosso: Sorriso, que sozinho respondeu por 5,5% da produção piscícola nacional, correspondentes a 21,5 mil toneladas. Especialistas apontam para a possível superestimação da produção de Sorriso,

visto que o município abriga um frigorífico de grande porte que pode estar contabilizando a produção de outros estados e municípios.

Além da aptidão agrícola do estado, com disponibilidade de grãos e água e condições edafoclimáticas favoráveis ao desenvolvimento da piscicultura, o Mato Grosso oferece incentivos à produção piscícola, como isenção de ICMS sobre a comercialização e industrialização de peixes criados em cativeiro, e a dispensa de licenciamento ambiental para piscicultores com propriedades de até 5 hectares de lâmina d'água para viveiro escavado e represa ou até 10

mil m³ de água em tanque-rede. Esses fatores justificam o rápido crescimento da atividade no estado.

Segundo a mesma pesquisa, os peixes mais produzidos no estado em 2013 foram os peixes redondos (83,6%), que incluem tambaqui, pacu, tambacu, tambatinga, patinga, pirapitinga e seguidos pelos bagres de couro, que abrangem pintado, cachara, cachapira, pintachara e surubim, que atingiram 14,58% da produção. Com participações menos expressivas apareceram matrinxã, tilápia e outras espécies, conforme mostra a tabela a seguir.

Tabela 1 - Espécies produzidas no Mato Grosso em 2013

Espécie	Toneladas	Participação no total %
Tambacu, tambatinga	47.391	62,7
Pintado, cachara, cachapira e pintachara, surubim	11.028	14,6
Tambaqui	9.734	12,9
Pacu e patinga	3.206	4,2
Pirapitinga	2.895	3,8
Tilápia	559	0,7
Matrinxã	287	0,4
Piau, piapara, piaçu, piava	245	0,3
Outros peixes	148	0,2
Curimatã, curimatá	60	0,1
Jatuarana, piabanha e piracanjuba	53	0,1
Lambari	10	0,0
Tucunaré	10	0,0
Pirarucu	3	0,0
Total	75.630	100

Fonte: IBGE Pesquisa Pecuária Municipal, 2014

Diagnóstico recente do Instituto Matogrossense de Economia Agropecuária (Imea, 2014) sobre a piscicultura no estado constatou que o viveiro escavado é utilizado em 78,44% das propriedades, seguido por barragem (21,19%) e tanque-rede (0,37%). Até janeiro de 2014, segundo o Instituto de Defesa Agropecuária do Estado de Mato Grosso (Indea-MT), existiam 994 produtores de peixe cadastrados.

Ainda de acordo com o diagnóstico,

55,84% dos produtores matogrossenses exerce a atividade há menos de cinco anos. Entretanto, mesmo entre os novos produtores, dadas as características e produtividade do ciclo de produção dos peixes, o nível de conhecimento é considerado elevado. Em 72,73% das propriedades o próprio piscicultor está à frente do empreendimento, enquanto 26,41% das mesmas contrata alguma forma de administrador para gerenciá-lo. A maioria dos produtores do estado

(56,71%) realiza controles financeiros, proporção que se aproxima da proporção de produtores que mantém alguma forma de acompanhamento técnico (56,42%).

Até 2014, o estado contava com oito estabelecimentos processadores de pescado registrados no Serviço de Inspeção Federal do Ministério da Agricultura (SIF), além de várias plantas em projeto para implantação ao longo de 2015.

Propriedade modal de Mato Grosso

No mês de setembro de 2014 foram realizados três painéis de levantamento de custos de produção de peixes no Mato Grosso pelo projeto Campo Futuro Aquicultura, iniciativa da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) realizada em parceria com a Embrapa Pesca e Aquicultura.

Na pesquisa, foram caracterizadas as propriedades típicas de três polos piscicultores do estado: Alta Floresta, Baixada Cuiabana e Sorriso, através do levantamento de indicadores técnicos (Tabela 2) e econômicos. Nos dois primeiros polos foram estudados o tambaqui e peixes redondos criados em

viveiro escavado. Já em Sorriso, o alvo do estudo foi a criação de pintado (híbrido entre a cachara (*Pseudoplatystoma reticulatum*) e o jundiá-da-Amazônia (*Leiarius marmoratus*), popularmente conhecido por pintado-da-Amazônia) em barragem.

Tabela 2 – Índices técnicos selecionados dos polos de Mato Grosso

	Baixada Cuiabana	Alta Floresta	Sorriso
Peixe produzido	Peixes redondos	Peixes redondos	Pintado
Área total de produção (ha)	2,0	3,0	5,0
Ciclo (dias)	364	364	365
Nº fases*	Monofásico	Monofásico	Bifásico
Conversão alimentar	1,87	1,80	1,94
Produtividade média (kg/m ² /ciclo)	0,85	1,01	1,78

Fonte: Embrapa Pesca e Aquicultura/CNA - Campo Futuro 2015

A propriedade modal da Baixada Cuiabana, localizada no Centro-Sul do estado possui 2 hectares de lâmina d'água destinados à piscicultura divididos em quatro tanques escavados. O cultivo é monofásico, com recria e engorda sendo conduzidas no mesmo viveiro. O produtor da região trabalha com um ciclo por ano, sendo que o tempo do ciclo é de 364 dias. Em cada ciclo são estocados 10 mil alevinos, 0,5 peixe por m², com biomassa inicial de 80 kg, biomassa final de 17.000 kg e taxa de sobrevivência de 85%. O peso inicial dos alevinos para o povoamento é de 8 g e o peso final do peixe na despesca é de 2 kg. Já em Alta Floresta, no norte do estado, a área de lâmina d'água está dividida em seis viveiros de 5.000 m² cada. No início do ciclo, que tem duração de um ano, são estocados 2.500 alevinos por viveiro, com peso inicial de 2 g e final de 2,3 kg. Ao final são despescados 2.200 peixes com conversão alimentar de 1,8 Kg e biomassa final de 5.060 kg e uma taxa de sobrevivência de 88%.

Em Sorriso, município situado na região central de Mato Grosso, no primeiro ciclo, em 2013, a produção foi conduzida em sistema monofásico, com os peixes sendo estocados diretamente na barragem de 5 hectares para recria e engorda, o que resultou em altas taxas de mortalidade por predação. Para o ciclo seguinte, os produtores construíram uma barragem menor de 1 hectare para realização da recria, com posterior transferência dos peixes para a barragem de 5 hectares. Existe somente um ciclo de produção ao ano, com duração de 365 dias, e um período de vazio sanitário de 20 dias até a próxima estocagem. São estocados 55.000 mil alevinos, com peso inicial de 10 g e densidade de estocagem na recria igual a 5,5 peixes/m². São despescados 49.500 peixes, com aproximadamente de 1,8 kg cada, com biomassa de 89.100 kg, o que representa uma taxa de sobrevivência de 90%.

Os peixes redondos dos dois primeiros

polos (Baixada Cuiabana e Sorriso) são comercializados na região da Baixada Cuiabana e nos estados de Tocantins e Pará, principalmente por meio de atravessadores que revendem o produto para feiras, peixarias e supermercados. Cabe ressaltar que grande parte do pescado que entra no Tocantins é apenas processada ali, dada a presença de um grande frigorífico situado em Almas, no Sudoeste do estado, cuja distribuição tem alcance nacional. Enquanto os polos de peixes redondos não mantêm funcionários fixos, apenas contratam diaristas para o período da despesca, contando com a mão de obra familiar para o manejo diário, em Sorriso a propriedade típica mantém um administrador e um técnico contratados.

No polo de Alta Floresta, a propriedade modal da região possui uma área para piscicultura de 3 hectares de lâmina d'água (3% da área total da propriedade), dividida em seis viveiros de 5.000 m². A produção é monofásica e o ciclo tem um

ano de duração. No início do ciclo são estocados 2.500 alevinos por viveiro, com peso inicial de 2 g e comprimento total de aproximadamente 3 cm. Ao final são despesados 2.200 peixes com conversão alimentar de 1,8 Kg e biomassa final de 5.060 kg, correspondendo a um ganho de 5.055 kg e taxa de sobrevivência de 88%. O peixe ao final do ciclo pesa 2,3 kg e a produtividade desta propriedade é de 10.120 kg/hectare. O pintado da região

é comercializado na região da Baixada Cuiabana e nos estados de Tocantins e Pará por meio de atravessadores, principalmente.

As rações para peixe são produzidas nas regiões Centro-Sul e Sudeste do estado, o que em princípio não implica grandes despesas com logística para abastecimento dos polos com o principal insumo da atividade.

Apesar do crescimento do setor no estado, alguns gargalos ainda impactam a atividade: a carência de mão de obra especializada, visto que se observa manejo inadequado e desperdício no arraçoamento, falta de pesquisas para melhorar as tecnologias de produção, poucas informações mercadológicas, dificuldade de acesso ao crédito para modernização, baixa escala de produção e burocracia na legislação ambiental.

Custos de produção da piscicultura mato-grossense

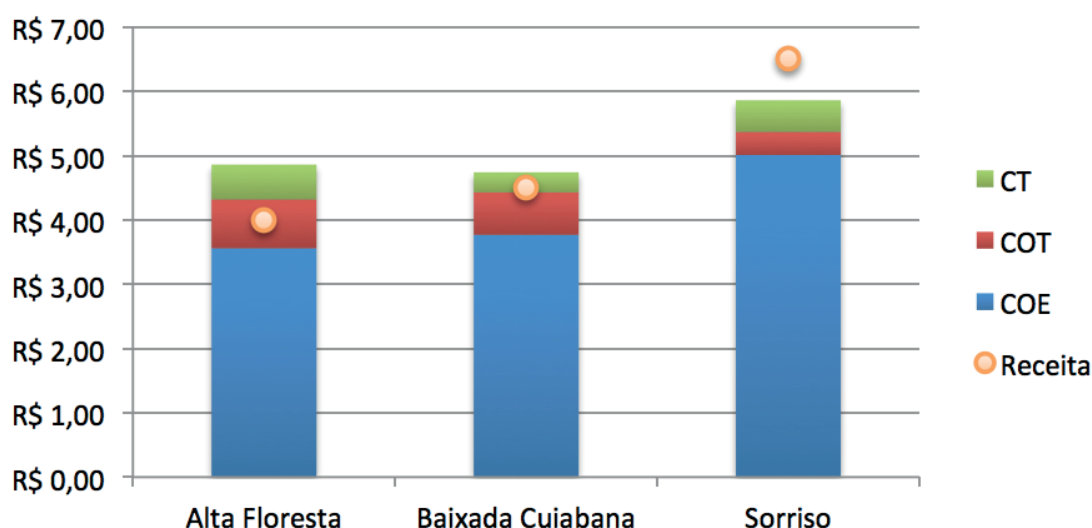
Na composição do Custo Operacional Efetivo (COE) da propriedade modal de Mato Grosso, a criação de peixes redondos alcançou 76% de gasto médio com alimentação, 5% com energia e combustível, seguidos por 4,5% de mão de obra contratada. Na produção de pintado, o gasto com ração

correspondeu a 70% do COE, seguido pelos gastos com alevinos, 8,62%, mão de obra contratada, 6,47%, energia e combustível e assistência técnica, com 5,2% cada.

O gráfico a seguir mostra alguns dos principais indicadores econômicos

selecionados para analisar a viabilidade econômica da aquicultura nos polos pesquisados do Mato Grosso, em que o COE é o custo operacional efetivo, COT é o custo operacional total e CT é o custo total. Os valores estão expressos em função do valor do peixe em reais por quilo.

Gráfico Comparativo entre custos de produção e a receita (R\$/kg)



Fonte: Embrapa Pesca e Aquicultura, 2015 e CNA Campo Futuro

Entre os polos produtores de peixes redondos, observa-se que o polo da Baixada Cuiabana apresenta o maior COE e maior COT, devido, sobretudo, ao maior dispêndio com gastos administrativos, energia e combustível. Já o custo total de Alta Floresta mostrou-se superior ao da Baixada, devido ao peso da remuneração de capital das benfeitorias. Entretanto, a receita deste polo é superior à verificada em Alta Floresta, dado que o preço recebido pelo produtor por quilo de peixe é maior, R\$ 4,50, comparado com R\$ 4,00 da Baixada Cuiabana. Como resultado, para o indicador margem bruta unitária, ambos os polos apresentam valores positivos, sendo R\$ 0,73 na Baixada Cuiabana e R\$ 0,44 em Alta Floresta. Já nos demais indicadores

o desempenho do polo da Baixada é superior ao de Alta Floresta, que apresentou margem líquida unitária de -R\$ 0,32 e prejuízo unitário de R\$ 0,86. Aquele polo, por sua vez, apresenta margem líquida unitária de R\$ 0,07 e prejuízo unitário de R\$ 0,26, o que não chega a comprometer sua viabilidade econômica no longo prazo.

No polo de pintado, Sorriso, a participação do gasto com ração é proporcionalmente menor que nos outros polos, porém outras despesas ganham importância, como custo elevado do alevino, mão de obra contratada, energia e combustível e assistência técnica. O preço de venda do pintado, de R\$ 6,50/kg, entretanto,

proporciona a obtenção de valores positivos nos três indicadores: margem bruta unitária, com R\$ 1,49, margem líquida unitária, R\$1,13 e lucro unitário de R\$0,64.

Em resumo, a receita, ou preço do quilo de peixe recebido pelo produtor é suficiente para cobrir o COE nos dois polos de peixes redondos e o COT na Baixada Cuiabana. Já no polo de Sorriso, a receita supera largamente o custo total, o que indica que a criação de pintado, peixe com maior valor agregado, apesar de envolver gastos maiores, é mais rentável em comparação à criação de peixes redondos, sendo indicada para produtores com maior potencial de investimento e intensificação da

produção. Na região do município de Sorriso, observou-se um forte perfil empresarial dos produtores, com grande capacidade de investimento e intensificação da produção, como mão de obra contratada, consultoria técnica, máquinas agrícolas e barcos para alimentação dos peixes e aeradores. A piscicultura é uma atividade nova para a maioria dos produtores presentes no painel, tradicionalmente sojicultores, que estimulados por uma grande empresa da região, passaram a aproveitar áreas inadequadas para a agricultura com a criação de peixes. Essa empresa exerce grande influência na região fornecendo alevinos e assistência técnica, além de auxiliar na despesca e comercialização do produto final, caracterizando um sistema de integração em implantação. Cabe destacar que o

grupo dos bagres, ao qual pertence o pintado, é o que tem apresentado maior crescimento na produção piscícola do Mato Grosso.

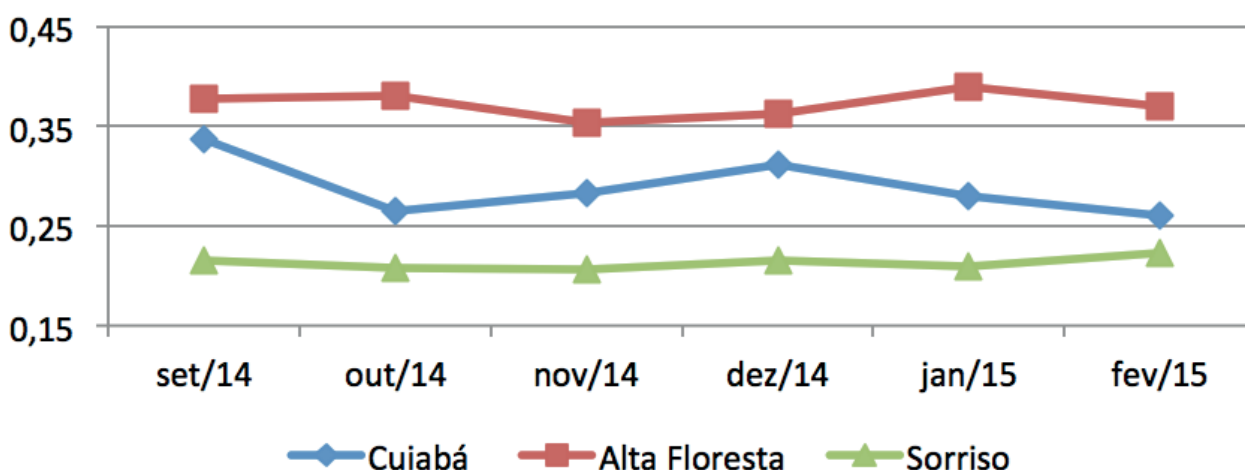
O gráfico abaixo mostra a evolução mensal da relação de troca¹ entre ração e peixe como produto final da engorda, tomando por base o custo da ração mais utilizada em cada polo entre outubro de 2014 e janeiro de 2015. Em todos os polos a ração mais utilizada corresponde à que contém 28% de proteína bruta, com granulometria de 8 a 10 mm.

Entre os polos de peixes redondos, a relação de troca partiu de patamares próximos no início da coleta, em setembro de 2014, sendo que na Baixada Cuiabana a relação evoluiu ao longo dos meses pesquisados mostrando valores menores, porém com maior oscilação.

O ponto mínimo para este polo, em que um quilo de ração equivalia a 0,26 quilo de peixe, foi atingido duas vezes, em outubro de 2014 e fevereiro de 2015. Esta maior variação se deu em razão da oscilação do preço do quilo de peixe, que atingiu o maior valor no polo de Cuiabá em janeiro e fevereiro de 2015, R\$5,00, sendo que o preço do quilo da ração caiu de R\$1,40 para R\$1,20 nesse intervalo.

A relação de troca entre o custo do quilo de ração e o preço do quilo de peixe à venda para Sorriso se manteve praticamente constante no período considerado devido à estabilidade dos preços do insumo ração, em torno de R\$1,40 por quilo e do quilo de peixe vendido, entre R\$6,30 e R\$6,80 no período considerado.

Gráfico Relação de troca (kg de ração/kg de peixe) – MT



Fonte: Embrapa Pesca e Aquicultura e CNA Campo Futuro

¹ A relação de troca é um indicador utilizado para auxiliar a mensuração da saúde financeira do empreendimento, uma vez que a ração representa cerca de 60 a 80% dos custos de produção. Dessa forma, a relação de troca demonstra a evolução do poder aquisitivo de um aqüicultor na venda do peixe. Por exemplo, afirmar que uma relação de troca alcançou 0,26, significa dizer que com a venda de 0,26 quilos do peixe o produtor conseguiria comprar 1 quilo de ração. Logo, quanto menor a relação de troca, maior o poder aquisitivo do aqüicultor na venda de seu produto, seja devido ao recuo nos preços da ração, seja pelo aumento nos preços de venda de seu produto final. A situação oposta também ocorre quando observa-se aumento na relação de troca.